

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM ADOLESCENTES: UM ESTUDO DE CASO

*Izabela de Araújo Castro  
Maria Celina Peixoto Lima*

Este estudo foi elaborado a partir de um caso atendido no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Com o intuito de preservar a identidade da paciente e de sua família, bem como o de assegurar o sigilo, optamos por adotar nomes fictícios para a apresentação do presente estudo de caso.

Gardênia estava com quatorze anos quando solicitou acompanhamento psicológico junto ao Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da UNIFOR obedecendo a um encaminhamento do conselho tutelar. A queixa consistia em comportamentos agressivos na escola. A mãe também mostrava-se descontente com a agressividade de Gardênia no contexto familiar. Por outro lado, Gardênia não via necessidade de mudar seu comportamento, pois se justificava dizendo: "Eles me trouxeram aqui porque bati em um colega na escola quando soube que ele falou mal de minha mãe."

Gardênia é fruto de uma gravidez acidental, na época sua mãe contava 15 anos. No decorrer do tratamento, a mãe de Gardênia (Cláudia) revela à filha que logo que a avó materna soube da gravidez, quis obrigá-la a abortar. Diante de tais circunstâncias, Cláudia fugiu para a casa do pai de Gardênia (Roberto). O casal permaneceu junto até a filha completar seis anos. Cláudia separou-se do pai de Gardênia por não conseguir administrar o alcoolismo do marido. Cláudia diz que a menina ainda nutre o desejo de que os dois voltem. Gardênia tem contato com o pai quando este vem para Fortaleza a cada 15 dias, pois trabalha no interior.

Gardênia afirma: "Quando eu era criança meus pais viviam brigando porque meu pai chegava bêbado em casa e batia na minha mãe. Eu chorava e rezava todo dia para que meu pai não matasse minha mãe. Quando ele não se encontrava alcoolizado eu

pedia para que ele não fizesse mais aquilo com mamãe. Mas de nada adiantava”. Apesar do alcoolismo, Gardênia referia-se ao pai como o “pai ideal”: “Eu o amo muito, pois ele nunca diz não. Gosto mais dele do que da minha mãe porque posso conversar com ele. Minha mãe nunca reconhece nada. Não sei o que fazer para agradá-la. Quando eu era “certa” (criança) ela me batia muito e às vezes sem motivos. Eu não entendia por que apanhava, depois entendi que era para descarregar a raiva que sentia por outros motivos. Outras vezes me batia por qualquer bobagem que fizesse. Quando me batia sempre me chamava de vagabunda, rapariga, nada. (...) Eu não podia fazer nada, apenas sentia raiva, mas achava que um dia aquilo iria mudar, como as coisas não mudaram eu me cansei de apanhar e passei a bater nos outros. “

Enquanto a mãe a olhava com preocupação, Gardênia por outro lado, se percebia não reconhecida pela mãe e em busca de seu reconhecimento muda da posição de “nada” na infância para a “valente” na adolescência. Ao referir-se a estes significantes ela os nomeia de “certo” e “errado”, respectivamente. Estas duas formas de ser vista pelo outro são dirigidas à mãe: “Não sei o que ela quer de mim, pois quando eu era “certa” ela me batia e agora que sou “errada” ela briga comigo, só não me bate porque cresci, não sei como agradá-la”.

O nada fazer infantil dá lugar na adolescência ao excesso de fazer; “Sou esquentada e não consigo me controlar. Quando estou com raiva bato em qualquer um, não consigo pensar antes de agir. É como se algo me invadissem e eu tivesse que descarregar.(...) Sou a valente, e por isso as pessoas me respeitam, elas sentem medo de mim.” No decorrer do tratamento, Gardênia associou seu comportamento impulsivo a uma reprodução, uma herança que a avó materna dirige à mãe e a mãe por sua vez transmite à Gardênia. Diz ela: “Faço isso assim como minha mãe fez comigo e continua fazendo com a minha irmã e como minha avó fez com minha mãe.”

Nas sessões Gardênia referia-se à sua mãe de maneira ambivalente. A jovem demonstrava o amor dedicado à mãe em forma de interrogações - citadas anteriormente, acerca da sua posição ocupada no desejo materno. O amor aparece também na identificação com a linhagem materna demonstrada por meio dos atos impulsivos. Os sentimentos hostis são expressos em suas tentativas de reconhecimento enquanto sujeito diferente da mãe. Essas tentativas estão traduzidas em seus comportamentos contestatórios. Duas tatuagens que a paciente fez após a mãe ter desaprovado a idéia: “Se a minha mãe tivesse sido de acordo eu provavelmente não faria as tatuagens.” A mãe deseja que a filha frequente a Igreja Católica da qual é devota. Gardênia se recusa e decide ir para a Igreja de crentes. Depois de diversas tentativas da filha, Cláudia decide deixá-la sair com os amigos. Por sua vez, Gardênia chega em casa doze horas após o horário acordado com a mãe. Experimentou cocaína em três ocasiões esporádicas, uma delas na escola. Em entrevista Cláudia afirmou: “Quando era jovem fazia de tudo, menos usar drogas.”

A identificação de Gardênia com a linhagem materna por meio de seus comportamentos impulsivos mostra a submissão de seu desejo ao nível da demanda na medida em que ela deseja o suposto objeto desejado pelo Outro – mãe, com a finalidade de satisfazê-la. Por acreditar que deseja o mesmo que a mãe, não entende o motivo que move o descontentamento de Cláudia com ela. A postura contestatória de Gardênia sinaliza uma tentativa de adquirir o próprio objeto de desejo, ou seja, desejar um objeto diferente do suposto objeto desejado pela mãe.

Gardênia afirma em uma sessão; “Gostaria de confiar em alguém, mas não confio porque as pessoas só querem se aproveitar de você. Com exceção de nossa mãe. Mas também não confio nela, pois ela não me entende e tudo que eu conto, ela não leva a sério ou “espalha” à outras pessoas. Por isso preciso “quebrar a cara” para aprender

qualquer coisa na vida.” A palavra e a interdição do Outro não lhe servem de garantia, sendo preciso recorrer a algo do real para adquirir um saber.

Quanto a esta recorrência ao real, Lebrun (2008a) sugere que o sujeito contemporâneo é aquele que não sabe qual é a norma, então ele está sempre apostando no imprevisível, deixando as consequências a cargo do real. Nesse sentido, resta-lhe o ato como único meio para constatar a validade da experiência, devido a um suposto déficit do simbólico. Por conseguinte, o Outro, portador de um saber que interdita o ato, é recusado.

Birman (2005) também alude a essa recorrência ao real, por vias do ato, associado a um esvaziamento do pensamento ou à falta de capacidade de simbolização verificado no empobrecimento da linguagem no sentido metafórico, logo, a capacidade de significação ou criação de um saber subjetivo propiciado pela linguagem é deflagrado.

Vale salientar que tanto Birman (2005) quanto Lebrun (2008), referem-se a certos sujeitos pertencentes à atualidade que possuem dificuldades nas operações simbólicas. Alguns aspectos presentes nesses sujeitos são comuns na passagem adolescente, fase em que as estruturas clínicas não estão totalmente fixadas, sendo justificável a utilização destes autores para pensar a questão da impulsividade do ato na clínica.

Alberti (2009) distingue os conceitos de ato e ação. Essa distinção nos permitiu pensar o comportamento impulsivo de Gardênia como um exemplo do que a autora chama de *agieren*: expressão alemã utilizada por Freud para denominar uma representação em ato de uma lembrança inconsciente recalçada, em que o sujeito esqueceu e a reproduz no agir. A autora nos lembra que o ato implica em um apagamento do sujeito, no qual este se encontra alienado ao discurso do Outro.

O ato impulsivo aparece como substituto de uma lembrança inconsciente recalçada que no caso em questão refere-se mais à uma posição de identificação com a mãe, do que a uma afirmação enquanto sujeito de seus atos. O discurso de Gardênia denota um deslocamento simbólico com a emergência do sentimento de vergonha que denuncia a instalação do recalque: "Quando vinha para a sessão, vi duas mulheres brigando por um assento no ônibus, senti vergonha por elas." O saber simbólico referente ao campo da linguagem que interdita o ato, foi instaurado perante um saber antes produzido na recorrência ao Real por meio dos atos impulsivos.

Em seguida, Gardênia se refere ao pai de forma menos idealizada: "Meu pai fez minha mãe sofrer, hoje entendo porque ela o deixou. Não acredito mais nele, pois desisti de achar que ele melhoraria por minha causa. Mas me preocupo com sua situação."

Alberti (2009) sinaliza a questão da transformação da queixa em demanda a partir do desejo do Outro: "(...) A demanda do sujeito nasce do desejo do Outro, e o desejo do sujeito, da demanda do Outro. (...)" (p. 155). O analista deve desejar e demandar para que o analisando seja capaz de fazê-lo. Assim o adolescente por meio da transferência re-atualiza suas fantasias e dessa forma torna-se possível a elaboração da angústia perante a impossibilidade da relação sexual, ou seja, oportuniza que este crie um saber sobre o Real insimbolizável emergente na forma de angústia. A autora defende que a postura do analista na clínica da adolescência deve equivaler àquela ocupada na análise das neuroses, pois o adolescente antes de tudo é um neurótico e o que marca sua condição adolescente é justamente a constatação do Real do sexo, criando, portanto, uma necessidade de reafirmação perante o Outro, o que constitui um traço tipicamente neurótico.

Em contrapartida Lebrun (2008b) defende que a análise deve ser um trabalho de renúncia na medida em que o sujeito pós-moderno encontra-se imerso ao Real do gozo. Quando submetido à análise este terá que renunciar uma quota de gozo para ser capaz de ser sujeito de sua própria fala. A recusa do neo-sujeito ao Outro implica numa impossibilidade de instauração da transferência. O *déficit* dos instrumentos simbólicos denota uma dificuldade em falar de si, por conseguinte, o analista deve inicialmente lançar um saber sobre o analisando conferindo-lhe um amparo, um impulso para incitá-lo a iniciar o trabalho de elaboração subjetiva. A conversa face à face com o analisando permite a abertura para o Outro que se encontra negado na economia gozoza. Ao admiti-lo, o desejo se instaura no analisando e este cria uma demanda de análise, por conseguinte o dispositivo analítico clássico tornar-se-á suportável.

Em uma sessão, Gardênia falou de um acesso de raiva sobre o qual a mãe intercedeu antes que ela chegasse a ferir o padrasto com uma faca. Afirma Gardênia: “Estava disposta a matá-lo, mas minha mãe se jogou em cima de mim e ele fugiu.” Então lhe perguntei: “Você pensou no que aconteceria se o tivesse matado?” Gardênia retruca: “Não me importo com isso, pois não aconteceria nada já que sou de menor e não vou presa. Não tem problema se continuar agindo dessa maneira, pois quando tiver de maior então eu mudo.” Prossegui: “Você acha mesmo que vai conseguir se controlar ao atingir a maioridade? Você disse que quando sente raiva não consegue pensar em nada, sendo assim como vai lembrar que tem dezoito anos e portanto está sujeita a punição?” Gardênia não responde. O medo de ser punida a faz admitir a marca deixada por um Outro que parecia renegado. A dúvida é suscitada possibilitando a emergência do simbólico pela garantia da linguagem, e neste momento a demanda de análise parece ser formulada.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBERTI, S. O ato na psicanálise In: **Esse Sujeito Adolescente**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

ALBERTI, S. Vicissitudes do eu na clínica Freudiana In: **Esse Sujeito Adolescente**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

BIRMAN, Joel. Diagnósticos da Contemporaneidade In: A. MARCIEL; D. KUPERMANN; S. TEDESCO. (ORGS). **Polifonias: Clínica, política e criação**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2005.

LEBRUN, J. et al. Há espaço para falar de dessimbolização? In: LEBRUN, J. (Org). **O Futuro do Ódio**. Porto Alegre: CMC Editora, 2008a.

LEBRUN, J. O Analista Hoje In: LEBRUN, J. **A Perversão Comum: Viver juntos sem Outro**. Rio de Janeiro: Campo Matemático, 2008b.

## **SOBRE O AUTOR**

**Izabela de Araújo Castro**, Graduada em psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Membro do Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social (LEIPCS–UNIFOR).

**Maria Celina Peixoto Lima**. Professora do PPG de Psicologia da Universidade de Fortaleza. Doutora em Psicologia pela Université Paris 13 (França). Coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social (LEIPCS),